

# O melhor é a água

Da antiguidade clássica aos  
nossos dias

José Luís Brandão &  
Paula Barata Dias (coords.)

**VERGÍLIO FERREIRA:**  
**EM NOME DAS ÁGUAS DOS RIOS, DO MAR E DA CHUVA**  
**(Vergílio Ferreira: in the Name of River, Sea and Rain Waters)**

Ana Seiça Carvalho  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos<sup>1</sup>  
Universidade de Coimbra  
orcid.org/0000-0003-1785-5657

RESUMO - Vergílio Ferreira discorre acerca do imponderável de ser, não apenas nos seus romances como também na diarística. Reflete sobre a força e a *energeia* de se ser um corpo que não possui ainda consciência de si, mas que é uno na sua totalidade, corpo este que se banha lustralmente ou que simplesmente contempla as águas do rio e do mar. Em comparação, que simbolismo poderá existir nas águas da chuva, serão símbolo de tristeza, de solidão, de *locus amoenus*, símbolo de apelo e de revelação, ou o ressurgir da memória e da paz?

PALAVRAS-CHAVE - Água, Chuva, Mar, Rio, Vergílio Ferreira

ABSTRACT - Vergílio Ferreira addresses the imponderability of being in his novels and journals. He reflects upon the strength and *energeia* of a body that still has no conscience of itself, but that is one in its totality. This body bathes itself in river and sea waters, or simply contemplates them. In comparison, what symbolism could exist in rain water? Does it symbolize sadness and solitude, a *locus amoenus*, an appeal, a revelation, or perhaps the revival of memory and peace?

KEYWORDS - Rain, River, Sea, Water, Vergílio Ferreira

“Passar a vida como um fio de água que desaparece sob a areia  
mas para aparecer depois lá mais adiante” (Ferreira 1982 : 354)

Dezassete anos e uma semana após a morte de Vergílio Ferreira, a 1 de março de 1996, reunimo-nos em torno do tema Água: na incessante procura de fontes onde beber, buscámos as águas revoltas do mar, as águas correntes dos rios e as águas frias da chuva, na obra do autor em apreço, que julgamos dispensar apresentações. Apesar de o perturbar que o lessem a “ele”, sem a máscara das personagens, pois dizia que “Sendo um escritor censurado por muito falar do eu, é-me extremamente difícil falar de mim” (Ferreira 1991 : 9), redigiu e publicou nove diários. Será em alguns passos desses diários

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

e sobretudo no romance *Em Nome da Terra*, romance já tardio, publicado em 1992, que nos deteremos.

João Vieira, protagonista de *Em Nome da Terra*, vive na solidão de um lar de idosos, sofrendo com a perna amputada, fruto de diabetes e da consequente gangrena do pé. Vive de memórias como se a memória se materializasse numa extensão do seu próprio corpo, onde continuamente se refugia, recordando a mulher já falecida. Recordação essa que se torna a sua única companhia no lar. João concretiza o seu real desejado, escapando ao *locus horrendus* do seu presente, em fugas constantes para um tempo passado. Presente e Passado fundem-se na memória e na consciência do protagonista, procurando atenuar a dicotomia Envelhecimento/Juventude. Todo o romance se baseia numa longa carta que João redige à mulher morta, Mónica, que deixou há muito de ser um *eu*, logo não mais poderá ser um *tu*, a não ser na ficção do autor da missiva. Será justamente nesse escrever, nesse recriar a partir da linguagem que João faz reviver a figura de Mónica na sua memória e na imaginação.

Num verdadeiro cântico ao esplendor e beleza físicas, o protagonista recorda o corpo da mulher, a imagem perfeita da sua beleza de outrora. Deseja lembrá-la e recordar-se a si mesmo no tempo antes de tudo ter desabado, antes do envelhecimento dos corpos, antes até do nascimento dos filhos, antes da decrepitude, num tempo em que eram maiores, em que os deuses os invejavam e em que a Morte era impensável. Porque para Vergílio Ferreira, como nos mostra em *Estrela Polar*, a vida só faz sentido como um corpo atrás do qual *alguém* viva<sup>2</sup>. João Vieira reflete na dicotomia entre a sua mulher jovem contraste abissal com a sua imagem já envelhecida, quando já não é capaz de a reconhecer naquele corpo máscara que já não é *ela*.

“Eu sou um corpo que pode dizer eu”, afirma o autor em *Invocação ao Meu Corpo*. Essa percepção existe quando o corpo ainda é uno: o corpo é símbolo de finitude, quando se é jovem é-se uno com o seu corpo; na velhice, há a Distância, o Desfasamento, o corpo passa a existir separado: é voluntarioso, começa a comandar, a exigir, a falhar no dia-a-dia, não se controla, torna-se podridão e separa-se do *eu*: “o meu corpo não finda porque quando ele findar não será já o meu corpo mas um pouco de estrume sem dono” (Ferreira 1994: 263).

### 1. ÁGUAS NOTURNAS DO RIO

No romance *Em Nome da Terra*, os protagonistas experienciam o batismo no rio, por mais do que uma vez, um batismo que Mónica, sorrindo, denomina sacrílego. Trata-se do batismo da consumação carnal e física do amor entre o casal, “em nome da Terra”, feminina, telúrica, “em nome dos astros”, das estrelas,

---

<sup>2</sup> Ferreira 2011: 189: “Porque eu sou *eu!* Quando eu morrer não ficará ninguém a ser por mim”.

pois realiza-se sob o céu estrelado; e “em nome da Perfeição” dos corpos na Juventude. Segundo I. Fonseca (1992 : 12), este ritual de batismo simboliza a celebração do ato de criar, neste caso, a divinização do Homem que, através da Palavra, se amplifica, prolonga o seu *corpo finito* na infinitude do sentido.

“Caminhávamos à beira-rio e éramos imensos. Gostava de saber agora bem o que éramos. Tínhamos a verdade toda porque não queríamos mais nada. E tínhamos a beleza porque estávamos contentes, mas não sabíamos bem de quê. Era um momento excessivo em que talvez Deus aparecesse”. (Ferreira 2009 : 10-11)

“Então reparámos e era uma extensão de areia branca. Não havia por ali ninguém, como nos convinha. Porque os grande actos da vida, querida, como deves saber, nunca devem ter público. Havia só algumas lâmpadas espaçadas sonolentas que não prejudicavam à discrição. Mas mesmo onde era mais noite havia restos do dia, talvez restos da luz do dia, pensei, e era bom para nos vermos e não vermos, como é próprio da beleza. Descemos então ao rio antes de termos pensado descer ao rio. Havia a frescura da água, o seu brilho trémulo e um desejo súbito de sermos deuses.” (Ferreira 2009 : 14)

O quadro devolve-nos o batismo de João, mas um João não-litúrgico e sim terreno, não bíblico, mas que diviniza a mulher.

“Depois erguemo-nos, mergulhámos nas águas. (...) só uma leve corrente as modulava. (...) Por fim saímos da água e os deuses olharam-nos, humilhados na sua inutilidade. Uma nova raça nascia divina erguia-se em nós. Poderosos imensos. Trazíamos uma mensagem dos confins das eras, a Terra esperava-nos. Trazíamos a notícia de um corpo incorruptível e perfeito.

- Jura-me que nunca hás-de envelhecer – disse-te.

- Juro.

- E que nunca hás-de morrer.

- Sim.

- E que a beleza estará sempre contigo. E a glória. E a paz.

- Juro.

Então baixei-me ao rio e trouxe água nas mãos em concha. E derramei-ta na cabeça imensamente. E disse, e disse

-Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição.

E tu disseste João sacrílego. E eu disse agora podemos-nos vestir.”

(Ferreira 2009 : 15).

E esta “oração”, “Em nome da Terra, dos astros e da perfeição” repetir-se-á ao longo do romance, acompanhando o protagonista como uma ladainha que recita como um bálsamo contra o presente decrepito, que é a sua realidade. Este azul das águas do rio e a luz noturna, cenário de fusão amorosa que é descrito no início do romance e novamente no último capítulo, encerra o romance em chave de ouro, num círculo perfeito. Na memória, o corpo permanecerá belo e eterno e as juras de nunca envelhecer são as que prevalecem.

## 2. ÁGUAS LUMINOSAS DO MAR

João e Monica viveram uma temporada na praia, onde davam longos passeios de bicicleta e onde se banhavam com os corpos sob o sol esplendoroso, no “imponderável”, na claridade indizível e na unidade do ser, num tempo em que o corpo parecia não existir:

“Eu inventava o teu corpo, gostava de te explicar. Inventava a eternidade dele, a tua pessoa vinha toda a superfície, estava toda perfeitamente visível. Não estavas tu para um lado e o corpo para o outro. Era a alegria, a vida inteira ali. Inteira perfeita, mas não eras so tu. O teu corpo não era só tu. Havia nele o mar e a areia e tudo o que convergia para a tua vitalidade transbordar” (Ferreira 2009 : 50).

“Depois vinhas a superfície e havia o mar todo na tua face e a sua imensidade” (Ferreira 2009 : p.51).

O banho é lustral, *leit-motiv* do romance *Em Nome da Terra*, quer no rio em ambiente noturno, quando o casal cumpre pela primeira vez o ato amoroso, quer quando vivem a festa solar nos corpos que se banham no mar e se sentem grandiosos e divinos. A praia é lugar de encontro com a Presença, com o todo do ser, e traz consigo a ambivalência da solidão também, a permanência do Passado, mas sobretudo a “concentrao sublimadora sobre si e o seu Presente” (Godinho 1985 : 254). é um tempo imóvel suspenso, em que a narrativa-memória se espalha. Há uma certa necessidade de se ficar preso nessa imobilidade, nessa Primavera eterna, de calor, beleza e juventude. Estes momentos privilegiados, da consciência aguda de si, como nota R. Brechon (1992 : 349) e M. C. Fialho (1999 : 335) ocorrem normalmente em contexto de praia, sol, longe do urbanismo, da solidão cidadina.

Em contraste com esta memória de juventude, a praia torna-se, mais tarde, cenário da velhice, quando João assiste já à demência e à degradao do corpo da mulher: quando a leva a almoçar, “tropega e atrapalhada com todas as peças de ser” (Ferreira 2009 : 152 e sgg), a esplanada ensolarada, tem a seguinte reflexão:

“Sento-te com cuidado, sento-me eu e olho o mar. Deixa-me olhar um pouco o mar. Deixa-me estar um pouco sem tempo, que é a verdade do azul do mar. Deixa-me perder a idade que perdi. Há espaço bastante a todo o horizonte marinho para o bocado de infinito que ainda trago comigo. (...) Vou respirar fundo, que é o que sempre apetece diante do mar para inspirarmos o universo com a inspiração. Vou ficar a olhar o brilho das águas nos jogos do meu devaneio. Está uma tarde quieta, transparente. Nítida. Sem o calor do Verão que embacia as coisas, mas não posso ficar eternamente a olhar.”

Quem parece ficar eternamente a olhar é o jovem do conto que rapidamente afloramos, “Uma Esplanada sobre o Mar”. Apesar da curta extensão da narrativa, há em cena uma notícia de morte que, embora seja dada de forma mais abrupta e apressada, congrega em si também a calma, o conformismo e a sua aceitação. Um jovem confessa à namorada que possui apenas três meses de vida e di-lo de forma pausada. Elogia o vestido branco que ela tantas vezes vestira, mas que aos seus olhos parece ser a primeira e é com este olhar deslumbrado que observa tudo à sua volta:

“- Não há nada mais igual do que o mar ou o lume ou uma flor. Ou um pássaro. E a gente não se cansa de os ver ou ouvir, Só é preciso que se esteja disposto para achar diferença nessa igualdade. Posso olhar o mar e não reparar nele, porque já o vi. Mas posso estar horas a olhar e não me cansar da sua monotonia. O rapaz tinha o olhar absorto na extensão das águas e permaneceu calado algum tempo. As águas brilhavam com o reflexo do sol na agitação breve das ondas.” (Ferreira 2008 : 214).

Os protagonistas dos romances vergilianos atravessam a chamada experiência-limite que se traduz normalmente na experiência da Morte ou no lento aguardar da sua chegada e a consciência de “poder pensar a *morte* estando *vivo*, poder conceber a *eternidade* sem sair do *instante*”, como nota I. Fonseca (1992 : 105). São os exemplos da experiência de Velhice e Morte do cônjuge e o lento avançar da idade que João de *Em Nome da Terra*, Paulo de *Para Sempre*, Jaime de *Alegria Breve*, entre outros, encarnam.

### 3. ÁGUAS DO BANHO

O Banho tem por significado de excelência a purificação e recria a ideia do regresso do Homem às suas origens mais puras, a um tempo em que era ainda dependente do seio materno. Assim Mónica, de *Em Nome da Terra*, já em estado de doença e demência avançadas, enquanto o marido lhe dá banho, chama-lhe “Avô”; o marido observa-lhe o corpo envelhecido como uma máscara horrível: “E então reparo, enquanto te lavo a segunda vez, a água quente, o

sabão, as minhas mãos, sobretudo a esquerda que é mais tátil, e o macio da tua pele aveludada do sabão, e então reparo, é um mistério inquietante, não te estou a lavar a ti. (...) lavo o teu corpo mas tu não estás lá” (Ferreira 2009 : 116). O próprio João, no lar, no desconforto momento em que as enfermeiras lhe dão banho, ao princípio recusa-se, todavia, aos poucos, devido à amputação, deixa-se ajudar, mas nunca se resignando à submissão do seu corpo a outrem, apesar das suas limitações crescentes: darem-lhe banho encaminha-o para a recordação da mãe a lavá-lo quando era pequeno, a meter-lhe as fraldas e a acarinhá-lo. A única forma de comunicabilidade naquela *antecâmara da morte*, que é o lar de idosos, é a memória que o liga à mulher. Como o protagonista nos descreve, nos primeiros capítulos do romance, existem idosos em diferentes estádios de decrepitude mental, e João, apesar do corpo mutilado, é a consciência aguda e dramática dessa condição, daí a sua humilhação ser maior, porque dela se dá conta.

#### 4. ÁGUAS VERTICAIS DA CHUVA

A chuva, tal como o ambiente de praia e solidão solarenga, parece abrir o Presente ao Passado, pontuando a reflexão pessoal e surpreendendo momentos de revelação do *eu* a si mesmo, como em *Aparição*, quando Alberto caminha sob chuva: “Porque a chuva tem para mim o abalo da revelação e abre como auréola o halo da memória ao que nela aconteceu” (Ferreira 2002 : 79).

Tendo mergulhado há algum tempo atrás nos Diários do autor, demo-nos conta de que a Chuva era algo que, curiosamente, Vergílio Ferreira não deixava de anotar diariamente, bem como os seus estados de espírito causados pela meteorologia. O escritor sentia um aconchego mental, uma “intimidade” que parecia descer sobre ele e que o levava ao refluxo primitivo *do que é* (um pouco no encaicho de Alberto de *Aparição*, a revelação), pois como afirma em *Conta-Corrente 3*: “entra logo no rumor da chuva, toda a memória de uma vida” (Ferreira 1990 : 447) mas também experiência de melancolia e paz.

Vejamos alguns exemplos:

“Reabre o céu depois de uma chuvada  
no azul do dia.

É o azul do nada

Com que se fazem os deuses e a poesia

“Por que diabo me dá na tineta para o verso? Ora. Faço versos como outros  
escribas fazem bonecos ou colecionam caixas de fósforos. Por passatempo.  
Por favor, não me peçam responsabilidades. Já tenho que chegue.”, *Conta  
Corrente 2* (Ferreira 1990: 26)

“Chove, chove. E toda a minha alma é uma substância pastosa de frio e lama”  
*Conta-Corrente 5* (Ferreira 1987 : 324).

“Chuvicou. E talvez por isso tenho hoje a mioleira mais lavada.”  
*Conta-Corrente Nova Série 1* (Ferreira 1993 : 72).

“Choveu à farta. Algum desarranjo pluviômetro celestial. Coisas do São Pedro que já deve estar gagá” *Conta-Corrente Nova Série 1* (Ferreira 1993 : 89).

“E como chove. É uma chuva batida a vento desencabrestado. (...) Sento-me no sofá e fecho os olhos no incerto de olhar o que não vejo. E tudo isto é absurdo na beleza incrível de haver vida e eu estar nela como se a fosse”  
*Conta-Corrente Nova Série 2* (Ferreira 1993 : 79).

“22 - Outubro (*segunda*) E como chove. Toda a noite foi um dilúvio e agora de manhã não pára. E qualquer coisa em mim se altera e não sei explicar. É talvez, antes de mais, o aparecimento do que há de bruto ou selvagem na Natureza. Mas é sobretudo uma certa transposição de mim para uma irrealidade de abismo, de tempo imemorial, de longínquas paragens de uma cósmica vastidão. Tudo é a leitura do que é cada um de nós – e um camponês olha a chuva em função das colheitas ou o meteorologista em função dos seus gráficos de previsões. Por mim, o que vejo é um certo pânico de um invisível de que a chuva e o vento são os mensageiros. Há assim um misto de medo e assombro e inquieta interrogação.”, *Conta-Corrente Nova Série 2* (Ferreira 1993 : 336).

“Chove um pouco, a noite caiu depressa, fecho todas as portadas das janelas. E um conforto íntimo me invade uma defesa contra uma invisível ameaça e que é só ameaça por me sentir em defesa. (...) Estou só comigo, no abandono de mim. Estou bem.”, *Conta-Corrente Nova Série 2* (Ferreira 1993 : 340).

“Chove, chove. E é curiosa a luta entre a rapidez mecânica da cidade e a balada da nostalgia que vem na chuva. Mas só em mim, suponho, a balada se ouve mais. Para os outros a chuva não se ouve. Talvez nem molhe.”  
*Conta-Corrente 2* (Ferreira 1990 : 133).

## 5. CONCLUSÕES

As águas não são estagnadas em Vergílio Ferreira: é a chuva, as águas que caem do alto (águas de cima), são as águas do rio sob as estrelas e o luar, são as águas do mar cujas ondas brilham ao sol (águas de baixo). As águas poderão simbolizar ainda o choro, as lágrimas que escorrem dos olhos ou a tensão do mundo que explode e se purifica numa chuvada intensa. Mas as águas para o



escritor são sobretudo Vida, sensualidade, revelação e transcendência de si, raízes e origem uterina<sup>3</sup>. Apesar do pessimismo caracterizador deste existencialista, ele não perscruta somente a Humanidade com um olhar de horror e de revolta, pois é precisamente no eterno interrogar que o Homem se realiza, e na repetição constante das suas dvidas.

"Uma língua é o lugar donde se v o Mundo e em que se traçm os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua v-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvir o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação." (Ferreira 1999 : 83-84).

Porque a Palavra / o Escrever  amar e escreve-se "porque sim" (Ferreira 1987 : 343) . Para João Vieira, de *Em Nome da Terra*, escrever  amar a mulher de novo:

"Querida. Veio-me hoje uma vontade enorme de te amar. E então pensei: vou-te escrever." (Ferreira 2009 : 9);

O autor tinha essa necessidade quotidiana de escrever, com todas as suas forçs, que partilha em diversos momentos do diário *Conta-Corrente*:

"Precisava imenso de ter saúde para escrever escrever escrever. O quê? Não sei. Escrever." (Ferreira 1993 : 29);

O ritmo de escrita ora  curto e sincopado, ora ofegante e torrencial, em catadupa, como se seguisse um pensamento e uma inquietação que nunca se interrompem, num caudal reflexivo, "de torneira aberta" (Ferreira 1990: 71), atingindo um *crescendo* lírico emotivo e excessivo. No fundo, a escrita vergiliana foi sempre uma escrita que fluía inelutável como as águas correntes, do rio, do mar, da chuva que cai. So guas que lavam, purificam, águas em que o barco da vida ondeia, numa navegação reveladora desde as origens lustrais até a morte (Godinho 1985 : 190-194):

"9-Agosto (sábado). Escrever, escrever. Não, não tenho nada de especial a anotar. Mas  irresistível este impulso que me vem não sei donde e me chega  mão e quer sair de mim através deste movimento com que desenho as palavras no papel como a água da mangueira com que a Regina vai regar". (Ferreira 1990 : 94)

---

<sup>3</sup> Afirma H. Godinho que "Na sobreposição de textos unidos por uma mesma lógica simbólica não se trata de reduzir um ao outro. Neste caso, parece-me tão válido dizer que a água simboliza a mulher como dizer que a mulher simboliza a gua. Ambas se encontram no arquétipo que ambas as imagens perseguem: Feminidade" (1985 : 191).

## BIBLIOGRAFIA ATIVA

- Ferreira, V. (2002), *Aparição*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Ferreira, V. (1982), *Conta-Corrente 1, 1969-1976*, Livraria Bertrand, Lisboa.
- Ferreira, V. (1990), *Conta-Corrente 2, 1977-1979*, Livraria Bertrand, Lisboa.
- Ferreira, V. (1990), *Conta-Corrente 3, 1980-1981*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Ferreira, V. (1987), *Conta-Corrente 5, 1984-1985*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Ferreira, V. (1993), *Conta-Corrente - Nova Série 1*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Ferreira, V. (1993), *Conta-Corrente - Nova Série 2*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Ferreira, V. (2009), *Em Nome da Terra*, Quetzal, Lisboa.
- Ferreira, V. (1991), *Espaço do Invisível 2*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Ferreira, V. (1999), “A Voz do Mar”, in *Espaço do Invisível 5*, Lisboa, Bertrand, 83-84.
- Ferreira, V. (2011), *Estrela Polar*, Quetzal, Lisboa.
- Ferreira, V. (1994), *Invocação ao Meu Corpo*, Bertrand Editora, Venda Nova.
- Ferreira, V. (2008), “Uma esplanada sobre o mar”, *Contos*, Bertrand Editora, Lisboa, 212-218.

## BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- Bréchon, R. (1992), “Dois textos sobre Vergílio Ferreira”, in *Colóquio/Letras*, nº123/124, 349-353.
- Chevalier, J., Gheerbrant A. (1982), *Dicionário dos Símbolos*. Teorema, 41-46.
- Fialho, M. C. (1999), “A presença da Antiguidade como referência estruturadora no romance de Vergílio Ferreira – Horácio - Ricardo Reis”, in *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa*, Atas do I Congresso da APEC. Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, 331-343.
- Fonseca, F. I. (1992), *Vergílio Ferreira, A Celebração da palavra*. Coimbra, Livraria Almedina.
- Fonseca, F. I. (2008), *Vergílio Ferreira, Diário Inédito 1944-1949*. Lisboa, Bertrand Editora.
- Godinho, H. (1985), *O universo imaginário de VF*. Lisboa, Instituto Nacional de investigação Científica.
- Goulart, R. M. (1997), *O trabalho da prosa, Narrativa, Ensaio, Epistolografia*, Coimbra, Angelus Novus.
- Sousa, J. A. (2008), “Vergílio Ferreira: a estrutura do seu pensar”, in *Itinerum, Revista Quadrimestral de Cultura*, Ano LIV, nº 192: 209-226.